



Ensaio Fotográfico

*Fragmentos da brincadeira de boi-bumbá** *Fragments of boi-bumbá play*

Rogério Luiz Oliveira **

Introdução

As fotografias que compõem este ensaio são resultantes do trabalho realizado pelo Grupo de Pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento – CMD. Tal esforço foi empreendido num contexto específico: o da elaboração do dossiê para a composição do Processo de Instrução Técnica do Inventário de Reconhecimento do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins¹. A constituição do documento visava o reconhecimento do referido bem cultural imaterial como patrimônio brasileiro, a partir do registro do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN, o que aconteceu no dia 8 de novembro de 2018, durante a 91ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no Museu Histórico do Pará, em Belém, quando o Conselho chegou a tal decisão por unanimidade. A partir de então, o Complexo do boi-bumbá retratado neste conjunto de

fotografias, passou a ser reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil.

O trabalho de pesquisa aqui exposto está inserido numa tradição em que a fotografia é entendida “como ferramenta na investigação cultural” (ANDRADE, 2002, p. 71). O objetivo do ensaio é compartilhar o percurso da pesquisa à luz das imagens que foram produzidas para compor o processo. A tarefa da equipe de pesquisa, assim, deveria ser configurada por um olhar atento e revelador das características que permitissem apreender dados e informações que sugerissem os caminhos para a salvaguarda da manifestação cultural do boi-bumbá. As imagens que ora apresentamos, desse modo, sintetizam o itinerário da pesquisa, por meio dos passos de seus realizadores. A faceta imagética da investigação, importa dizer, é uma extensão da estratégia de observação e análise que alicerçou a pesquisa. E não apenas. A inclusão das fotografias era uma exigência do Iphan para a composição do dossiê. Sustentada num eixo sociológico, a prática de registro das fotografias foi marcada por um forte acento etnográfico. Poderíamos ser ainda mais específicos dizendo que as

* Recebido em: 12.06.2018.
Aprovado em: 29.07.2018.

** Professor adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
Email: rogerioluizso@gmail.com

¹ Dossiê Final Processo de Instrução Técnica do Inventário de Reconhecimento do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins. Brasília: Universidade de Brasília, 2018. Acervo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico-nacional – Iphan.



² *Boi-Bumbá Amazônico*. Direção: Rogério Luiz Oliveira. Brasil. 2018. Colorido. 48min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OuJ24rVqly8>.

³ *Boi-Bumbá: Celebração Amazônica*. Direção: Rogério Luiz Oliveira. Brasil. 2018. Colorido. 19 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IkWZyZR4xG8&t=18s>.

imagens compunham uma fotoetnografia, um termo que, no Brasil, fora cunhado por Luiz Eduardo Achutti (ACHUTTI, 1997) e possivelmente definido como método que faz uso da fotografia como narrativa imagética capaz de reunir signos que direcionem uma informação cultural, no nosso caso a respeito dos brincantes e fazedores do boi-bumbá.

Ao compreendermos a fotoetnografia como recurso tanto da Sociologia quanto da Antropologia, haveremos de considerar o longo debate em torno do recurso imagético e o quanto isso importa à experiência empreendida pela nossa equipe de pesquisa que tinha como tarefa se lançar sobre uma realidade social fazendo “registros factuais de informações de trato sociológico”, para recorrer às palavras de José de Souza Martins (2008, p. 9). A partir disso, tomamos o cuidado de não entender que as imagens deviam ser meramente ilustrativas do texto, mas conter em si mesmas, e no conjunto, um sentido narrativo.

Deste modo, o texto aqui apresentado buscará mostrar o modo como as fotografias acabam por sintetizar, simbolizar e/ou mesmo reforçar traços característicos observados nessa manifestação popular genuína que é a brincadeira do boi-bumbá. As fotografias aqui compartilhadas constituem um extenso conjunto tanto de outras imagens fixas quanto de horas de gravação audiovisual de entrevistas com pessoas que mantêm viva a tradição do boi-bumbá. É imprescindível destacar que a missão analítico-descritiva também almejava a produção de dois vídeo-

documentários que serviram como contexto para o registro das imagens que estão nesta seção: *Boi-Bumbá Amazônico*² (2018) e *Boi-Bumbá: Celebração Amazônica*³ (2018). Nos intervalos ou mesmo durante a gravação de entrevistas e imagens para compôr a narrativa audiovisual dos documentários, foram registradas fotografias que constituem este ensaio. O conjunto de fotografias aqui apresentado procura evidenciar algumas variações da plasticidade da brincadeira do boi, por isso é uma amostra tão multifacetada do registro: retratos, alegorias, detalhes. Esses elementos sógnicos todos, ao nosso ver, caracterizam fragmentos de um conjunto narrativo que muito informa sobre as dimensões culturais abarcadas no bem em questão.

A celebração do boi-bumbá em Parintins

As fotografias foram registradas nos meses de junho, agosto e setembro de 2016. Na primeira etapa, entre 22 e 30 de junho de 2016, a viagem foi iniciada no Porto de Manaus, em direção à cidade de Parintins. Chegamos à capital do Estado do Amazonas de avião e dali embarcamos num barco em direção à segunda cidade mais populosa do Estado, com aproximadamente cento e treze mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE, em 2018. Éramos sete pessoas.



Porto de Manaus



Interior da embarcação em que a equipe viajou



Bandeiras dos Bois Caprichoso e Garantido (da esquerda para a direita) no alto de embarcação

Essa primeira viagem comprovaria o quão longas são as distâncias entre os municípios do Estado do Amazonas, o que parece ainda mais extenso se considerarmos que muitos

deslocamentos acontecem de barco, em virtude da não existência ou condições limitadas das estradas. A primeira viagem da equipe, por exemplo, durou cerca de 14 horas. A distância entre Manaus e Parintins é de aproximadamente 369 quilômetros.

Já na embarcação era possível começar a perceber a atmosfera festiva na qual a cidade de Parintins estaria, ao receber visitantes de várias partes do país. Muitos passageiros a bordo estavam a caminho da ilha para participar do Festival Folclórico no qual se apresentam os bois Caprichoso e Garantido. A constatação foi confirmada logo que desembarcamos. A cidade estava mobilizada em torno do festival. Estabelecimentos comerciais ou áreas residenciais, as cores vermelha e azul eram recorrentes nas fachadas, na forma de bandeiras, estandartes, faixas, fitas, bandeirolas e camisetas.



Camisetas dos bois Caprichoso e Garantido (à venda) expostas na grade do cemitério de Parintins (centro da cidade)

Permanecemos em Parintins entre 23 e 30 de junho. A equipe acompanhou as três noites de apresentação dos dois Bois.



Registramos imagens fixas e em movimento de uma disputa respeitosa, apesar de acirrada, diante de milhares de pessoas que acompanham o espetáculo da arquibancada ou pelas transmissões televisivas. As duas galeras, como são denominadas as torcidas, são um item avaliado pelo júri julga todos os elementos da disputa e definem o campeão de cada ano. Chama a atenção a forma integrada como a torcida interage com os componentes que adentram a arena no espaço central da dramatização, formando um mesmo conjunto por vezes manifestado na complementação das cores materializadas em forma de fitas ou mesmo de luzes projetadas de suportes como os *smartphones*.



Apresentação do Boi Caprichoso na arena do Bumbódromo – Parintins - AM



Apresentação do Boi Caprichoso na arena do Bumbódromo – Parintins - AM



Alegoria do Boi Caprichoso na Arena do Bumbódromo

As três noites de apresentação dos dois bois de Parintins são marcadas por uma paixão impulsionada pela grandeza. No bumbódromo (Centro Cultural e Esportivo Amazonino Mendes) é tudo gigantesco. Com capacidade para 35 mil pessoas, o espaço fora construído para a realização do Festival. A estrutura comporta a grande quantidade de integrantes dos conjuntos artísticos que constituem as apresentações e de alegorias que chegam a 20 metros de altura. Pode-se sublinhar a proporção emotiva da festa na conjunção entre o som das toadas - executadas com instrumentos de cordas, teclado e um grande conjunto percussivo -, e as altas alegorias que quando movimentadas, por meio de engrenagens de ferro e cabos de aço com propulsão humana, anima as galeras. Refletindo a respeito do papel das imagens na investigação, notamos o contributo desse procedimento que ora aproximamos de uma antropologia visual e a forma como ela pode, recorrendo ao entendimento de Rosane de Andrade, “contribuir para a

identificação e o reconhecimento de sentimentos, emoções, sensações e, como afirma, Geertz, dentro de um contexto próprio para que esses gestos sejam melhor interpretados” (ANDRADE, 2002, p. 73). Observar as imagens agora, distante do bumbódromo, nos faz pensar na dimensão emotiva inerente às apresentações dos bois, no que diz respeito à grandiosidade espacial e artística manifestada nos altas proporções das alegorias. Como se trata de um registro visual, escapa-nos a contribuição sonora para o êxtase experimentado por brincantes, torcedores e público em geral. Essas tomadas gerais enquadram a participação da explosão humana na elaboração artística coletiva que se dá numa espacialidade tão ampla. Por ela, ressoam gritos, cantos e respostas verbais aos apelos dramáticos de figuras como o apresentador, o levantador de toadas e o amo do boi, aquele que é responsável por declamar versos de provocação ao boi contrário.



Apresentação do Boi Garantido na arena do bumbódromo



Alegoria do Boi Caprichoso na Arena do Bumbódromo



Apresentação do Boi Caprichoso na arena do Bumbódromo – Parintins – AM



Galera do Boi Garantido

A última das fotos da sequência acima, ao destacar a galera do Boi Garantido iluminada por uma luz vermelha, revela o quanto a explosão de alegria é intensificada por elementos narrativos pré-concebidos intencionalmente com o fito de promover uma



sensibilização de quem acompanha o espetáculo. Para além das tomadas gerais, enquadrando os conjuntos alegóricos, a nossa posição no bumbódromo favoreceu a percepção do bailado sincronizado implícito na dimensão coreográfica do Festival de Parintins. Foi possível destacar nesse sentido, especialmente, as participações das tribos indígenas dos bois. Compostas por dezenas de bailarinos e bailarinas, as apresentações nos remetem ao processo de preparação da festa, por meio dos ensaios que acontecem, com mais frequência, a partir do mês de março e apontando, ainda, para outros quesitos como a elaboração de figurino e cenografia. Nas fotos, vê-se a materialização de uma elaboração conjunta que passa tanto pelos ensaios quanto pela feitura de croquis que durante meses vão saindo do papel numa confecção minuciosa, quase artesanal.



Batucada do Boi Garantido



Integrantes do corpo de bailarinos do Boi Garantido



Tribu indígena – Item do Boi Garantido em apresentação na arena do Bumbódromo – Parintins - AM



Tribu indígena – Item do Boi Caprichoso em apresentação na arena do Bumbódromo – Parintins - AM



⁴ Na dramaturgia do boi-bumbá, a vaqueirada é um agrupamento composto por cavalos, lanças e vaqueiros. Funcionam como guardiões do boi em evolução.

Quanto à ocupação cênica do espaço da arena, as fotografias também registram o rigor simétrico na composição do espetáculo. Sejam os conjuntos percussivos, as tribos, as vaqueiradas⁴, há um esforço no sentido de preencher os espaços vazios, sobretudo nos instantes em que as alegorias não estão na arena ou estão em deslocamento de entrada ou saída. Cabe advertir para o fato de que as apresentações são arquitetadas para serem vistas de frente, apesar de as galeras estarem nas laterais, o que parece justificado no fato de as torcidas integrarem a apresentação. Assim, do ponto de vista visual, há muito mais força narrativa para as câmeras de TV (A TV *A Crítica* fazia a transmissão ao vivo em 2016), jornalistas, fotógrafo(a)s, jurados e pessoas que acompanham o festival dos camarotes, onde comumente ficam o(a)s visitantes. É sobretudo almejando esse público que as apresentações acontecem na busca pela criação de uma magia sincrônica entre sons e imagens.

Em se tratando de uma encenação, os recursos postos à disposição da narrativa são levados às últimas consequências possíveis por meio de efeitos especiais e de muita readequação dos componentes culturais utilizados na exploração do tema escolhido por cada boi anualmente. Desse modo, as fotografias das tribos indígenas na representação dos bois-bumbás mostram o quanto em Parintins há uma ressignificação de elementos da cultura regional ou nacional. O que também será visto em outros bois por nós registrados no Estado do Amazonas. A composição plástica deste e

outros itens é marcada pelo rompimento com uma mera cópia da condição real. Assim, materiais naturais como palhas, fibras ou mesmo sintéticos, como penas fabricadas, entram na elaboração de formas coloridas que dão vida a alegorias, figurinos e maquiagem. A mesma grandeza notada nas alegorias é também percebida nas vestimentas e nos adereços (chapéus) de cabeça.

A ressignificação adentra, similarmente, a construção do próprio auto do boi que deu origem a toda a brincadeira. Na dramaturgia do boi-bumbá em Parintins, o personagem principal se multiplica na arena, às vezes no chão, interagindo com outras peças da encenação – tais como a sinhazinha, o amo do boi, a cunhã-poranga, a porta-estandarte, a rainha do folclore, o levantador de toadas, integrantes das bandas ou conjuntos percussivos (Batucada, no Boi Garantido; Marujada de Guerra: Boi Caprichoso), o pajé, etc; em outros momentos, do alto de alegorias ou no meio da torcida (galera). As imagens analisadas como um índice encontram na pesquisa uma verificação, pois, numa única noite de apresentação, podem ser usados até seis bois espalhados por diferentes espaços do bumbódromo, a fim de facilitar a aparição dessa personagem ao longo da apresentação.



Boi Caprichoso e sinhazinha na arena do Bumbódromo – Parintins - AM



Boi Garantido no alto de alegoria – Bumbódromo – Parintins - AM



Boi Garantido brinca com a galera durante apresentação no Festival – Parintins - AM

Ao longo dos dias de realização do Festival, nossa equipe gravou inúmeras entrevistas guiadas justamente pela busca por tentativa de mapear o maior número de saberes envolvidos na construção da festa. Diálogos reveladores do procedimento de

artistas como os tripas – aqueles que dão vida aos bois na apresentação -, indo desde a fabricação até a preparação física para o festival. Na primeira etapa da pesquisa, foram entrevistadas cerca de 50 pessoas, todas elas relacionadas à festa do boi: artistas, diretores artísticos, costureiras, músicos, torcedores e outras pessoas que, de alguma maneira, participam da construção da manifestação cultural.



Maria Auxiliadora Pereira e Silva – Zeladora do Curral do Boi Caprichoso exhibe as unhas azuis – Parintins - AM



Euclides Jefferson Vasconcelos da Silva (Porrotó Filho) - Integrante da Batucada - Garantido



Os oito dias de pesquisa em Parintins indicaram para o fato de que acontece uma grande mobilização na cidade em torno da organização das apresentações, durando quase que o ano inteiro. As entrevistas revelaram a dupla composição do envolvimento. De um lado, o negócio, já que a festa mobiliza altas cifras que vão desde o pagamento de funcionários dos bois Caprichoso e Garantido, até as peças e inserções publicitárias que marcam forte presença na paisagem da cidade no período do festival e nos meios de comunicação. Por outro, vê-se a participação de pessoas que compõem a organização de forma voluntária, na maioria das vezes movidas pelo desejo de continuidade da tradição.

A sobrevivência do boi-bumbá no Médio Amazonas

A perspectiva tradicional caracteriza fortemente a segunda etapa da pesquisa de campo. Entre 27 de agosto e 5 de setembro de 2016, a equipe percorreu quatro cidades: Maués (Comunidade Nossa Senhora Aparecida do Pedreiro), Parintins e Itacoatiara. O objetivo desta vez era retornar a Parintins para a realização de entrevistas que não foram possíveis à época do festival e em busca de novas informações para subsidiar a pesquisa, além de conhecer outras expressões do boi-bumbá em lugares localizados, especialmente, na região do Médio Amazonas. A escolha destas localidades resultou de levantamento que apontara a recorrência da festa/brincadeira em algumas cidades desta região.

A segunda etapa da pesquisa resultou em cerca de 35 entrevistas, a começar por Maués, município localizado a 259 quilômetros de Manaus, de onde a equipe partiu novamente de barco. Em Maués, pudemos encontrar mestres de bois da região. Além de histórias sobre a forma como acontece a festa do boi ao longo do tempo nessas localidades, registramos imagens e sons de instrumentos musicais utilizados no folguedo. Ali, compreendemos a função do boi-bumbá como ponto de confluência de outras distintas manifestações culturais. Em Maués, há a recorrência, por exemplo, do gambá (tambor) na execução das toadas do boi-bumbá, característica que não é notada em nenhum outro lugar. Ali, o encontro com mestres e brincantes foi também revelador das condições existentes para a realização da brincadeira, especialmente no que diz respeito à utilização de materiais vários na fabricação de itens e até mesmo instrumentos.



Banjo e gambá (tambor) utilizados na brincadeira do boi em Maués



Detalhe de banjo fabricado com madeira, panela de pressão e película de radiografia

Os três dias de pesquisa em Maués solidificaram uma faceta importante da observação acerca da constituição do folguedo: a manutenção e ressignificação da tradição mediante a alternância das gerações. Essa questão apareceu com muita força nos depoimentos gravados com os mestres de bois e também foi verificada na visita à Escola Francisco Canindé Cavalcante. O boi que tem as cores preta e vermelha faz alusão ao guaraná cultivado por aquele que é patrono e dá nome à escola. Em Maués, destacamos essa experiência por percebermos o boi, ali, como um ponto de convergência preponderante. Ao construir um espaço que faça com que os estudantes da escola dêem atenção a um bem potente da cultura amazonense, a estratégia é ainda agregadora no próprio modo de se organizar a brincadeira. A entrevista com Cleber Araújo Júnior, um dos responsáveis pela organização do Boi Francisquinho aponta para a mobilização de pais, professores e alunos em torno da apresentação do boi.



Boi Francisquinho – Escola Francisco Canindé Cavalcante (Maués - AM)

A segunda experiência identificada em Maués resulta da viagem feita à Comunidade Nossa Senhora Aparecida do Pedreiro, município de Maués, onde chegamos numa lancha rápida (voadeira) numa viagem de aproximadamente duas horas, conduzidos por um morador da região: Waldo Mafra Carneiro Monteiro, conhecido como Barrô. Agente cultural importante do município de Maués, Barrô foi imprescindível para o mapeamento da manifestação do boi-bumbá no município. Foi um mediador que detalhou a organização da brincadeira, denotando lugares e práticas como a de Nossa Senhora Aparecida do Pedreiro.



Waldo Mafra Carneiro Monteiro (Barrô) – Mestre e agente cultural de Maués - AM

Os moradores dessa comunidade vivem do que plantam e pescam. Também fabricam e comercializam artefatos como remo para barcos. Na comunidade, o responsável pelo Boi Teimozinho é o Mestre Iracito. Ele é o principal responsável por levar adiante a tradição que aprendera com o pai e familiares. Ele é um agente estratégico na salvaguarda da tradição. É o maior entusiasta e o centro de onde parte a iniciativa de todos os anos reservar um tempo de dedicação coletiva para a organização do boi-bumbá. Naquela comunidade há saberes concentrados nos integrantes de uma mesma família: compositor de toadas e figurinos são dois desses traços fundamentais. Além de preservar, ao passo em que ressignifica, a tradição no espaço familiar, o mestre Iracito também realiza atividades de formação na escola da comunidade, onde oferece aula de música.



Comunidade de Nossa Senhora Aparecida do Pedreiro – Maués – AM (Fabricação de remo)



Mestre Iracito e netas – Comunidade de Nossa Senhora Aparecida do Pedreiro – Maués – AM



Netos do Mestre Iracito – Comunidade de Nossa Senhora Aparecida do Pedreiro – Maués - AM



Boi Teimozinho brinca no terreiro da casa - Comunidade de Nossa Senhora Aparecida do Pedreiro – Maués - AM

Percebe-se, ainda, a forma como a festa do boi-bumbá amazonense é feita de organizações relacionadas ao núcleo familiar quando observamos o conjunto de imagens e entrevistas realizadas em Itacoatiara, distante aproximadamente 90 quilômetros de Maués, onde estivemos entre os dias 2 e 4 de setembro de 2016. Dois bois ali sediados exemplificam bem essa vertente: os bois mirins Mina de Ouro e Tira Fama. Observando o primeiro, a princípio, vê-se um esforço no sentido de manter viva, levando adiante a tradição num processo de formação, em que crianças e adolescentes desempenham funções fundamentais da apresentação, a exemplo do tripa, a pessoa que dá movimento e vida ao boi-bumbá. O contato com membros do Boi Mina de Ouro nos possibilitaram perceber o esforço de pais no sentido de envolver as crianças na brincadeira. As apresentações do Mina de Ouro são possibilitadas pelo investimento deles. Há, na organização do Boi Mina de Ouro, uma preocupação com a formação de novos integrantes que dêem continuidade à brincadeira. Dois dos

entrevistados, Mário José Azevedo Calixto e Sérgio Carlos Correia Michiles, por exemplo, participam da brincadeira desde crianças e demonstram interesse em passar os conhecimentos adiante.



Tripa do Boi Mirim Mina de Ouro – Itacoatiara - AM



Mário José Azevedo Calixto – Amo do Boi Mirim Mina de Ouro – Itacoatiara – AM e Sérgio Carlos Correia Michiles – Levantador de Toadas do Boi Mirim Mina de Ouro – Itacoatiara – AM

A expressão máxima dessa constituição familiar do folguedo, impulsionando a manutenção desse fazer cultural, está certamente representada, em nossa busca, na experiência do Boi Mirim Tira Fama. Conduzido por Evaldo Galdino e sua família, o boi é uma continuidade da tradição iniciada pelo pai de Evaldo.



Como é possível ver nos documentários supracitados e produzidos pela equipe, a emoção dele ao falar do patriarca é um dos pontos mais destacáveis do nosso levantamento. De maneira emotiva, ele fala da responsabilidade em dar continuidade às atividades do Tira Fama e relata de forma detalhada os pormenores que compõem o auto do boi. Outro indício destacável é a forma como é organizado o cronograma de apresentações do Tira Fama. Com a aproximação do período junino, é iniciada uma divulgação na cidade e, como resultado, as pessoas interessadas os convidam para uma apresentação que será remunerada. Na reconstituição narrativa da apresentação, feita por Evaldo, fica latente a centralidade do boi-bumbá, já que é na língua do animal, cortada simbolicamente ao longo do auto, que é colocado o pagamento pela exibição. O que não significa a ausência de dificuldades, relatadas em grande número por Evaldo Galdino e Rosemara Corsino, responsáveis pela organização do Tira Fama. Como os pagamentos pela apresentação não cobrem os gastos, eles arcam com a maior parte dos custos.



Evaldo Galdino da Silva e Rosemara Corsino da Silva.
Família responsável pelo Boi Mirim Tira Fama – Itacoatiara - AM

A visita à cidade de Itacoatiara e o que lá foi encontrado em torno do folguedo foi fundamental para a constituição do inventário. Pois se de um lado, encontrávamos essas duas manifestações que projetavam o futuro do boi-bumbá na cidade, a partir do incentivo junto a crianças e adolescentes, por outro encontramos práticas que demonstravam carecer de uma atenção diferente e ainda mais ostensiva. Essa sensação ficou evidente na conversa com os dirigentes do Boi Coração Vermelho e, ainda mais, na entrevista com o Mestre Valmirinho, responsável pelo Boi Caprichoso de Itacoatiara. No primeiro, identificamos a revelação de uma estrutura de boi-bumbá moldada à maneira do Festival Folclórico de Parintins, no que diz respeito ao desejo pela elaboração grandiosa das alegorias mas, no fundo, apontando para a permanência de formas muito próprias da brincadeira. O contato com as pessoas que organizam o Boi Coração Vermelho possibilitou percebermos traços como o ritmo das toadas, que é mais lento do que se identifica em Parintins. Em torno desse boi, há anseios de organização de um festival como o que acontece em Parintins. Diferente dos outros, caracterizados como de rua ou de terreiro, em volta do Coração Vermelho há tendência a adotar o modo parintinense como modelo. Desde o perfil do boi, inspirado no Boi Garantido, até o modo de composição das toadas que passam implicam numa definição temática, a concepção para eles é orientada pela prática do Festival Folclórico de Parintins.



Boi Coração Vermelho – Itacoatiara - AM

No segundo, vimos uma prática que necessita de ressignificação. Há pelos menos dois anos, o Mestre Valmirinho já não “botava” o boi, expressão comum ouvida dos mestres de bois. O Mestre Valmirinho está entre os brincantes com idade mais avançada que encontramos. O Boi Caprichoso de Itacoatiara era o principal adversário do Coração Vermelho, em disputas que já não têm mais acontecido. Dotado de memórias em torno dos saberes e fazeres acerca do boi, Seu Valimirinho foi uma importante peça na constituição que buscávamos fazer. O mestre informou, por exemplo, sobre os variados processos de transição pelos quais passou a brincadeira do boi-bumbá, com destaque para os materiais utilizados na fabricação do próprio boi e dos figurinos dos brincantes. A conversa com ele ensejou refletirmos sobre o quanto, por exemplo, a fiscalização de órgãos de proteção ambiental exigiu uma adequação do fabrico de figurinos e itens, inserindo a brincadeira numa lógica comercial mais complexa. Ou seja, na

impossibilidade de utilizar penas de aves como material para a fabricação de itens do boi-bumbá, mais uma vez a título de exemplificação, surgiu a necessidade da compra de materiais sintéticos, o que exigiu, conseqüentemente, um investimento maior que já não era possível cobrir com recursos próprios.



Valmiro Borges (Mestre Valmirinho) - Boi Caprichoso de Itacoatiara - AM

O exemplo do boi-bumbá organizado por eu Valimirinho necessariamente serviu como um contraponto que tinha, no outro extremo do levantamento feito pela pesquisa, o Festival Folclórico de Parintins, atraindo capital privado ou mesmo recurso público. Nesse sentido, funcionou como importante símbolo de um processo sócio-histórico que carece de políticas de salvaguarda. Ainda que tão distantes em condições de realização e organização, ao inventariar o bem cultural identificou-se muitos pontos de contato, singularmente aquilo que está condensado no fenômeno cultural a



partir dos sentidos de significação e importância da brincadeira. A despeito das dimensões e proporções por vezes díspares entre o que se observa em Parintins e em todos os outros lugares onde acontece a festa do boi, merecem ênfase os saberes e fazeres embutidos no boi-bumbá. Mestres e artistas que, seja lá onde estiverem no vasto território do estado, carregam uma herança estética sempre ressignificada a cada nova preparação para os festejos juninos amazonenses. As imagens aqui expostas anelam oferecer sintética amostragem de uma convivência pacífica e criativa entre o artesanal e as sempre aspiradas inovações tecnológicas. Dão conta, ou pelo menos sugerem isso, de que a festa persegue um acabamento estético visual e sonoro inspirado no ritmo embalado pelas toadas. Na impossibilidade de agora apresentar a riqueza das letras cantadas e executadas, compartilhamos breve amostra do efeito visual decorrente da transposição do som de conjuntos percussivos, instrumentos vários e vozes para o desfile de cores e formas moldadas com materiais cada vez mais diferentes.

Referências

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca, 1997.

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade/EDUC, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

NOVAES, Sylvia Caiuby (org.). **Entre arte e ciência: a fotografia na antropologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

Sites

Boi Bumbá do Amazonas agora é Patrimônio Cultural do Brasil. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/am/noticias/detalhes/4892/boi-bumba-do-amazonas-pode-se-tonar-patrimonio-cultural-do-brasil>